

## Mudanças na sociedade portuguesa no século XVIII

As ideias iluministas tiveram, em Portugal, como um de seus defensores o **Marquês de Pombal**, nobre que ocupou cargos importantes no reinado de D. José I (1750-1777). Seu grande projeto político foi o de "atualizar" Portugal a fim de que essa nação pudesse se equiparar às potências europeias dessa época.

Entre suas medidas mais ousadas, destaca-se a expulsão dos jesuítas de Portugal e de suas colônias, em 1759. Até essa data, todo o sistema educacional estava nas mãos dos jesuítas. Pombal defendia que a educação não deveria receber influência direta da Igreja, pois dessa forma seria possível atualizar os currículos das instituições de ensino consideradas obsoletas. Essa atitude revigorou o ensino da filosofia, da cultura, da história e das ciências.

Sugestão de atividades: questões de 5 a 7 da seção **Hora de estudo**.

### Olhar literário

## Arcadismo em Portugal: Bocage

O Arcadismo buscou revitalizar um tipo de produção literária que procurava afastar-se do Barroco. Os primeiros registros de um grupo de poetas que se reúne contra o "mau gosto" da poesia barroca data de 1690, na Itália. Essa agremiação de poetas, autointitulada **Arcádia Romana**, procurou rebater o verbalismo da literatura seiscentista. O nome desse movimento literário fazia uma referência à Arcádia, região do Peloponeso na Grécia Antiga, espaço habitado por pastores que levavam uma vida simples e bucólica.

Do mesmo modo que os poetas italianos, os poetas portugueses se organizaram em uma agremiação chamada **Arcádia Lusitana**, em 1756. Esse fato marca o início do Arcadismo em Portugal. Esse grupo, porém, pouco influenciou a literatura escrita na época, dissolvendo-se em 1776. Em 1790, fundou-se outro agrupamento, que se intitulou **Arcádia Nova**. Dos poetas que participaram dessa iniciativa, o mais importante foi Manuel Maria Barbosa l'Hedois du Bocage.

Bocage escreveu poemas líricos e satíricos. No primeiro tipo, especialmente os poemas pertencentes à **primeira fase da produção poética do escritor**, explorou as principais características da poesia árcade ligada aos sentimentos: o uso de pseudônimos pastoris, a utilização dos **lugares-comuns** explorados pelo estilo árcade, o domínio das **formas poéticas clássicas** e a preferência por um uso de **linguagem concisa, equilibrada e que apresenta uma recorrência de recursos derivados da poesia da Antiguidade Clássica**.

Se boa parte da poesia de Bocage se relaciona aos modelos da poesia árcade, outro aspecto de sua poesia lírica que merece destaque é a presença, na **fase madura de sua escrita, de uma visão subjetiva da realidade**, elemento que somente apareceria em um período seguinte da literatura, o Romantismo. **7 Explicação sobre elementos pré-românticos na poesia de autores árcades.**

Trata-se de uma **poesia mais introspectiva, soturna e fatalista**, que explora os sentimentos vivenciados pelo eu lírico. Mas vale ressaltar que Bocage se transformou em uma figura bastante conhecida em seu tempo por conta também dos inúmeros **poemas satíricos**.

Sugestão de atividades: questões de 8 e 9 da seção **Hora de estudo**.

A poesia árcade resgata da Antiguidade Clássica uma série de temas que comumente era trabalhada pelos poetas. São os chamados **lugares-comuns**. Entre aqueles que mais aparecem nos poemas dos árcades, tem-se: o *fugere urbem*, a fuga do espaço urbano e a busca por um contato maior com a natureza; o *carpe diem*, o "aproveitar o dia", isto é, aproveitar os prazeres da vida e do momento presente, já que a existência humana é curta; o *inutilia truncat*, a retirada do poema de tudo o que não seja essencialmente necessário; o *locus amoenus*, a busca por um cenário agradável e natural.

1. Leia o poema de autoria do escritor português Bocage.

### Nada se pode comparar contigo

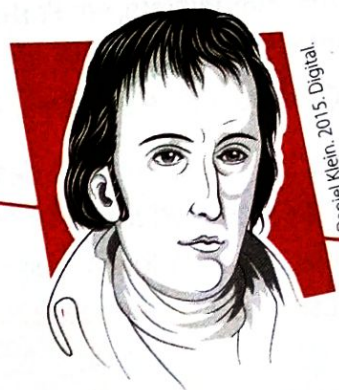
O **ledo** passarinho, que **gorjeia**  
D'alma exprimindo a **cândida** ternura,  
O rio transparente, que murmura,  
E por entre pedrinhas **serpenteia**:

O Sol, que o céu **diáfano** passeia,  
A Lua, que lhe deve a formosura,  
O sorriso da **aurora**, alegre e pura,  
A rosa, que entre os **Zéfiros ondeia**:

A serena, amorosa Primavera,  
O doce autor das glórias que consigo,  
A **deusa das paixões** e de **Citera**:

Quanto digo, meu bem, quanto não digo,  
Tudo em tua presença **degenera**.  
Nada se pode comparar contigo.

BOCAGE. Nada se pode comparar contigo. In: \_\_\_\_\_. *Poemas*: Bocage. Seleção e organização de José Lino Grunewald. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987. p. 36.



Daniel Klein, 2015. Digital.

Manuel Maria de Barbosa l'Hedois du Bocage nasceu em Setúbal, Portugal, em 1765. Considerado o maior poeta português do Arcadismo, Bocage teve fama de ser um excelente compositor de versos. Morreu em 1805, em Lisboa.

a) Pode-se afirmar que a representação da natureza presente no poema se vale de qual lugar-comum da poesia árcade?

O poema expressa o *locus amoenus*, ou seja, a representação de um mundo natural sem conflitos.

b) Identifique, na segunda estrofe, palavras que caracterizam o cenário bucólico em que se encontra o eu lírico.

“Formosura”, “alegre”, “sorriso”, “pura”.

c) Como pode ser compreendido o último verso do soneto, “Nada se pode comparar contigo”?

Pessoal. Sugestão: Depois de descrever um cenário natural equilibrado e belo (segundo a concepção de beleza árcade), o eu lírico afirma que a beleza de sua amada é superior, pois, diante dela, tudo “degenera”, ou seja, tudo se desfaz, perde o valor.

**ledo**: alegre.

**gorjeia**: canta.

**cândida**: inocente.

**serpenteia**: executa movimentos parecidos com os de uma serpente.

**diáfano**: transparente.

**aurora**: deusa da mitologia romana responsável pelo amanhecer.

**Zéfiros**: representação do vento vindo do oeste, segundo a mitologia grega.

**ondeia**: toma a forma de ondas.

**deusa das paixões**: referência a Vênus (Afrodite para os gregos), deusa romana do amor.

**Citera**: ilha grega que, no século XVIII, se tornou uma referência para artistas e poetas como o lugar ideal dos amantes.

**degenera**: corrompe, estraga, se desfaz.

2. Leia os fragmentos dos poemas de Bocage, em seguida escreva se eles pertencem à *fase árcade* ou à *fase pré-romântica*. Justifique sua resposta.

a)

Vítima do rigor, e da tristeza,  
Em negra **estância**, em cárcere profundo,  
O mundo habito sem saber do mundo,  
Como que não pertença à Natureza:  
[...]

BOCAGE. Lenitivos do sofrimento contra as perseguições da desventura. In: \_\_\_\_\_. *Poemas: Bocage*. Seleção e organização de José Lino Grunewald. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987. p. 87.

Fase pré-romântica. O eu lírico expõe seus sentimentos (sente-se como "Vítima do rigor, e da tristeza") e fala de seu sofrimento no mundo.

b)

[...]  
Oh **benignas** manhãs! tardes saudosas,  
Em que folga o pastor, **medrando** o gado,  
Em que brincam no **ervoso** e fértil prado  
Ninfas e Amores, Zéfiros e Rosas!  
[...]

BOCAGE. Desejos da presença do objeto amado. In: \_\_\_\_\_. *Poemas: Bocage*. Seleção e organização de José Lino Grunewald. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987. p. 32.

Fase árcade. Referência ao *locus amoenus* e ao ambiente pastoril.

c)

Meu ser evaporei na **lida** insana  
Do **tropel** de paixões, que me arrastava;  
Ah! Cego eu cria, ah! mísero eu sonhava  
Em mim quase imortal a essência humana:  
[...]

BOCAGE. Sentimentos de contrição, e arrependimento da vida passada. In: \_\_\_\_\_. *Poemas: Bocage*. Seleção e organização de José Lino Grunewald. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987. p. 109.

Fase pré-romântica. O eu lírico fala da confusão de seus sentimentos.

d)

[...]  
Bem que das Musas docemente amado,  
Se temi de uma idade a outra idade  
Não poder alongar-me em nome **alado**:  
[...]

BOCAGE. Ao Sr. Pedro Inácio Ribeiro Soares. In: \_\_\_\_\_. *Poemas: Bocage*. Seleção e organização de José Lino Grunewald. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987. p. 115.

Fase árcade. A referência às Musas (com letra maiúscula) é uma pista da influência clássica típica dos poemas árcades.



## Acontecia

### Arcadismo no Brasil

No século XVIII, o Brasil passou por mudanças importantes: a influência jesuítica começou a dar lugar ao Arcadismo/Neoclassicismo; o deslocamento do eixo econômico, que passava do **Nordeste**, onde estavam os **latifúndios produtores de açúcar**, para **Minas Gerais**, centro da **descoberta e exploração do ouro**; o Rio de Janeiro tornava-se um dos polos de exportação das riquezas da mineração para a Metrópole, ganhando relevância política, econômica, social e cultural; cresceu o número de estudantes brasileiros que se dirigiam para a Europa, trazendo, em seu retorno para o Brasil, **novos ideais e tendências do pensamento liberal** que se contrapunham à ideologia que embasava a dominação colonial imposta pelos portugueses.

A articulação desses fatores gerou condições para que tivesse início aquilo que o crítico literário Antonio Candido nomeou **sistema literário brasileiro**: a existência integrada de produção e recepção de obras literárias envolvendo escritores, livros e leitores de modo constante. Isso significa que foi em meados do século XVIII, durante o desenvolvimento do Arcadismo no Brasil, que a vida literária começou a se organizar de forma mais sistemática no país.

9 Sugestão de trabalho com documentário envolvendo as disciplinas de Literatura e História.

**estância**: moradia.

**benignas**: suaves.

**medrando**: fazer ir aumentando.

**ervoso**: com bastante pasto.

**lida**: trabalho.

**tropel**: confusão.

**alado**: que tem asas.

O Arcadismo no Brasil produziu obras que podem ser classificadas em três grandes grupos: **poesia lírica, épica e satírica**.

Apesar de ser possível observar elementos barrocos na escrita de alguns poetas árcades brasileiros, a maioria seguiu os padrões da literatura neoclássica vigente na Europa. Tanto que é possível destacar como traços do Arcadismo nacional o pastoralismo, o bucolismo, a idealização do espaço do campo, o ideal da vida simples, a tentativa de expressão poética por meio de uma linguagem simples e o aproveitamento do instante presente.

## Poesia lírica árcade: resquícios do Barroco e convencionalismo

Uma parcela importante da poesia árcade brasileira foi lírica. Escritores como Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga, Silva Alvarenga, Alvarenga Peixoto e Domingos Caldas Barbosa foram os responsáveis pela produção mais significativa dessa poesia.

10 Sugestão de leitura.

Vale destacar que os três primeiros poetas envolveram-se diretamente com os eventos relacionados à **Inconfidência Mineira**.

### Cláudio Manuel da Costa

Foi o responsável pela publicação da primeira obra árcade no Brasil, intitulada *Obras poéticas*, em 1768, contendo poemas líricos. Destaca-se também a publicação do poema épico "Vila Rica", de 1773, em que ele apresenta os feitos dos bandeirantes em suas jornadas pelo interior do país, fundando diversas cidades na região mineira. O foco principal desse longo poema, inspirado em *Os Lusíadas*, de Camões, é a narração da história de Vila Rica (atual Ouro Preto).

Seu estilo, particularmente na poesia lírica, pode ser entendido como **de transição**, pois trabalha em seus textos os **elementos típicos do Arcadismo** e suas convenções, mas **não se distancia definitivamente das influências do Barroco** e da poesia camonianiana, que fizeram parte de sua formação durante a juventude, quando estudou Direito em Coimbra.

Essa **mistura entre referências** de duas estéticas em conflito (Barroco e Arcadismo) se mostra como um traço singular da poesia de Cláudio Manuel da Costa.

### Tomás Antônio Gonzaga

A poesia lírica de Tomás Antônio Gonzaga pode ser lida com base em duas tendências: assim como em Bocage, sua poesia inicial apresenta uma adesão à estética árcade; em uma segunda fase, sua poesia apresenta elementos que podem ser considerados como do Pré-Romantismo.

Gonzaga (nascido em Portugal, mas tendo escrito toda sua obra no Brasil) **pode ser considerado um árcade por excelência**, isto é, para muitos críticos foi nosso melhor representante, especialmente em se tratando dos poemas escritos na primeira fase do autor, ou seja, no período anterior a sua participação na Inconfidência Mineira. Como poucos, em língua portuguesa, ele soube trabalhar em sua poesia as convenções relacionadas ao pastoralismo e à vida bucólica. Comparada sua escrita à de outros poetas, sua linguagem aproxima-se do **ideal de simplicidade** que é uma das características mais importantes da literatura neoclássica.

A **segunda fase de sua poesia**, escrita durante o período em que ficou preso por três anos, na fortaleza da Ilha das Cobras, esperando o anúncio de sua pena pela participação na Inconfidência (foi sentenciado ao degredo de dez anos em Moçambique, costa oriental da África), é caracterizada por uma **escrita mais emotiva**, voltada para a expressão de sentimentos pessoais (algo estranho para os padrões do Arcadismo) e pela descrição da paisagem brasileira.

1. Leia este poema.

Destes penhascos fez a natureza  
O berço em que nasci: oh! quem **cuidara**  
Que entre **penhas** tão duras se criara  
Uma alma **terna**, um peito sem dureza!

**Amor**, que vence os tigres, **por empresa**  
**Tomou** logo render-me; ele declara  
Contra o meu coração guerra tão rara  
Que não me foi bastante a **fortaleza**.

Por mais que eu mesmo conhecesse o dano,  
A que **dava ocasião** minha **brandura**,  
Nunca pude fugir ao cego engano:

Vós, que ostentais a condição mais dura,  
Temei, penhas, temei, que Amor tirano,  
Onde há mais resistência, mais se **apura**.

COSTA, Cláudio Manuel da. Soneto XCVIII. In: \_\_\_\_\_.  
*A poesia dos inconfidentes: poesia completa de Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Alvarenga Peixoto.* Organização de Domicio Proença Filho. Artigos, ensaios e notas de Melânia Silva de Aguiar et al. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996. p. 95.



Cláudio Manuel da Costa nasceu na Vila do Ribeirão do Carmo, Minas Gerais, em 1729. Foi fazendeiro e jurista, com grande atuação no período da mineração do Brasil Colônia. Participou de modo ativo na Inconfidência Mineira. Morreu em Vila Rica, em 4 de julho de 1789, em sua cela depois de ser preso como conspirador.

Entre os comentários a seguir, qual **não** pode ser aplicado ao poema?

- a) A oposição presente nos dois últimos versos da primeira estrofe apresenta uma marca barroca: o contraste entre a dureza da penha (pedra) e a suavidade do peito (lugar em que se localiza o coração, centro das emoções).
- b) Para desenvolver o jogo entre rigidez e candura, entre paisagem exterior das montanhas e paisagem interior dos sentimentos, o eu lírico evoca a figura de uma entidade da mitologia bastante comum na poesia arcádica, o Amor (Cupido), que é apontado como o responsável por superar a aspereza do coração.
- x c) O poema parte da descrição de uma paisagem totalmente estranha à região de Minas Gerais, localidade em que viveu o poeta. Trata-se de um espaço cujo significado é somente simbólico, fruto da convenção do Arcadismo.

2. Como é possível caracterizar a visão sobre o Amor presente na segunda estrofe do poema?

O sentimento amoroso é associado a uma batalha. Palavras como "fortaleza", "render" e "guerra" reforçam essa visão.

**cuidara:** poderia adivinhar.

**penhas:** pedras, montanhas.

**terna:** suave.

**Amor:** representação do deus do amor na mitologia greco-romana, Cupido.

**por empresa:** como intenção.

**tomou:** conseguiu.

**fortaleza:** força, resistência.

**dava ocasião:** favorecia, facilitava.

**brandura:** fragilidade.

**apura:** aperfeiçoa, se torna forte.

3. No poema de Gonzaga, o eu lírico (Dirceu) dialoga com sua amada (a pastora Marília) sobre qual seria o semblante, o rosto, do Amor/Cupido.

11 Sugestão

Pintam, Marília, os Poetas  
A um menino vendado,  
Com uma **aljava** de **setas**,  
Arco **empunhado** na mão;  
Ligeiras asas nos ombros,  
O **tenro** corpo despido,  
E de Amor ou de Cupido  
São os nomes, que lhe dão.

Porém eu, Marília, nego,  
Que assim seja Amor; pois ele  
Nem é moço nem é cego,  
Nem setas nem asas tem.  
Ora pois, eu vou formar-lhe  
Um retrato mais perfeito,  
Que ele já feriu meu peito;  
Por isso o conheço bem.

Os seus compridos cabelos,  
Que sobre as costas ondeiam,  
São que os de **Apolo** mais belos;  
Mas de loura cor não são.  
Têm a cor da negra noite;  
E com o branco do rosto  
Fazem, Marília, um composto  
Da mais formosa união.

Tem redonda e lisa testa,  
**Arqueadas** sobranceiras  
A voz meiga, a vista honesta,  
E seus olhos são uns sóis.  
Aqui vence Amor ao Céu:  
Que no dia luminoso  
O Céu tem um Sol formoso,  
E o travesso Amor tem dois.

Na sua face **mimosa**,  
Marília, estão misturadas  
**Purpúreas** folhas de rosa,  
Branças folhas de jasmim.

Dos **rubins** mais preciosos  
Os seus beijos são formados;  
Os seus dentes delicados  
São pedaços de marfim.

Mal vi seu rosto perfeito,  
Dei logo um suspiro, e ele  
Conheceu haver-me feito  
Estrago no coração.  
Punha em mim os olhos, quando  
Entendia eu não olhava;  
Vendo o que via, baixava  
A modesta vista ao chão.

Chamei-lhe um dia formoso;  
Ele, ouvindo os seus louvores,  
Com um modo **desdenhoso**  
Se sorriu e não falou.  
Pintei-lhe outra vez o estado,  
Em que estava esta alma posta;  
Não me deu também resposta,  
Constrangeu-se e suspirou.

Conheço os sinais; e logo,  
Animado de esperança,  
Busco dar um **desafogo**  
Ao cansado coração.  
Pego em teus dedos **nevados**,  
E querendo dar-lhe um beijo,  
Cobriu-se todo de **pejo**,  
E fugiu-me com a mão.

Tu, Marília, agora vendo  
De Amor o lindo retrato,  
Contigo estarás dizendo  
Que é este o retrato teu.  
Sim, Marília, a cópia é tua,  
Que Cupido é Deus suposto:  
Se há Cupido, é só teu rosto,  
Que ele foi quem me venceu.

GONZAGA, Tomás Antônio. Lira II. In: \_\_\_\_\_. *A poesia dos inconfidentes: poesia completa de Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Alvarenga Peixoto*. Organização de Domicio Proença Filho. Artigos, ensaios e notas de Melânia Silva de Aguiar et al. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996. p. 575-576.

**aljava**: estojo no qual o arqueiro armazena as flechas.

**setas**: flechas.

**empunhado**: seguro com uma das mãos.

**tenro**: jovem, delicado.

**Apolo**: deus grego da beleza.

**arqueadas**: que têm o formato de arco.

**mimosa**: sensível, delicada.

**purpúreas**: que apresentam coloração vermelha.

**rubins**: rubis (tipo de pedra preciosa).

**desdenhoso**: rude.

**desafogo**: alívio.

**nevados**: brancos (como neve).

**pejo**: vergonha, acanhamento.

Tomás Antônio Gonzaga nasceu em Miragaia, na região do Porto, Portugal, em 1744. É considerado, tanto pela literatura brasileira como pela portuguesa, um dos mais notáveis escritores do Arcadismo em língua portuguesa. Foi um dos mentores da Inconfidência Mineira. Morreu na Ilha de Moçambique, em 1810, para onde havia sido deportado por participar da Inconfidência.



Daniel Abreu, 2015. Digital

- a) Qual a relação construída no poema entre a mitologia grega e a observação do rosto da amada feita pelo eu lírico?

Todo o poema se faz com base na comparação entre o que afirma a mitologia (Cupido é representado pela figura de um menino com flechas, etc.) e a conclusão marcada pela clareza e pela galanteria a que chega o eu lírico.

- b) Pode-se notar que a figura da amada é construída por meio de uma estratégia que se prolonga em todo o poema: a comparação. A quais elementos as partes do corpo da amada são comparados? Por quê?

As partes do corpo de Marília são comparadas a objetos valiosos (marfim, rubis) e elementos da natureza (sóis, rosas, Céu, Sol). A comparação com os itens de valor torna a figura da amada algo especial, fora da beleza comum. A aproximação de partes do semblante de Marília com elementos do mundo natural reforça a relação entre o belo como temática da poesia lírica e a natureza como ideal de beleza.

- c) Além dos atributos físicos, Dirceu exalta as qualidades morais de sua amada. Indique uma passagem em que tal elogio é destacado pelo eu lírico.

Os versos "Punha em mim os olhos, quando / Entendia eu não olhava; / Vendo o que via, baixava / A modesta vista ao chão." dizem respeito ao comportamento recatado, discreto de Marília, uma qualidade que se pode associar à modéstia.

4. Leia o poema de autoria de Tomás Antônio Gonzaga e indique V para verdadeiro ou F para falso nas afirmações referentes ao poema.

Minha bela Marília, tudo passa;  
A sorte deste mundo é mal segura;  
Se vem depois dos males a **ventura**,  
Vem depois dos prazeres a desgraça.  
Estão os mesmos Deuses  
**Sujeitos** ao poder do **ímpio Fado**:  
Apolo já fugiu do Céu brilhante,  
Já foi Pastor de gado.

A devorante mão da negra Morte  
Acaba de roubar o **bem** que temos;  
Até na triste **campa** não podemos  
Zombar do braço da inconstante sorte;  
Qual fica no **sepulcro**  
Que seus avós ergueram, descansado;  
Qual no campo, e lhe arranca os frios ossos  
Ferro do torto arado.

Ah! enquanto os Destinos impiedosos  
Não voltam contra nós a face irada,  
Façamos, sim façamos, doce amada,  
Os nossos breves dias mais **ditosos**.  
Um coração que, frouxo  
A grata posse de seu bem **difere**,  
A si, Marília, a si próprio rouba,  
E a si próprio fere.

GONZAGA, Tomás Antônio. Carta oitava. In: \_\_\_\_\_. A poesia dos inconfidentes: poesia completa de Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Alvarenga Peixoto Organização de Domício Proença Filho. Artigos, ensaios e notas de Melânia Silva de Aguiar et al. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996. p. 597.

**ventura:** felicidade, prosperidade.

**sujeitos:** submetidos.

**ímpio:** desumano.

**Fado:** destino.

**bem:** posses.

**campa:** sepultura.

**sepulcro:** túmulo.

**ditosos:** felizes.

**difere:** adia, deixa para depois.

- (V) No primeiro verso desse poema, o eu lírico afirma que não há situação, boa ou má, que persista para sempre.
- (F) A vida alterna bons e maus momentos somente para os homens, nunca para os deuses.
- (V) Mesmo após a morte, devemos estar atentos para o que pode nos acontecer.
- (V) Devemos aproveitar os momentos felizes antes que a infelicidade possa nos atingir.
- (F) Temos que viver atentos ao que de mal pode nos acontecer a todo o momento, negando a felicidade se possível.
- (F) Temos que adiar o aproveitamento dos bens que conseguirmos para usufruí-los somente em tempos futuros.

5. Ainda considerando o poema de Tomás Antônio Gonzaga, a que lugar-comum da poesia árcade os quatro versos da terceira estrofe fazem referência?

Os versos finais fazem referência ao *carpe diem* (aproveite o dia).

6. Leia o poema.

Torno a ver-vos, ó montes; o destino  
Aqui me torna a pôr nestes **oiteiros**,  
Onde um tempo os **gabões** deixei grosseiros  
Pelo traje da Corte, rico e fino.

Aqui estou entre **Almendro**, entre **Corino**,  
Os meus fiéis, meus doces companheiros,  
Vendo correr os míseros vaqueiros  
Atrás de seu cansado **desatino**.

Se o bem desta **choupana** pode tanto,  
Que chega a ter mais preço, e mais valia  
Que da Cidade o **lisonjeiro** encanto,

Aqui descanse a louca fantasia,  
E o que até agora se tornava em pranto  
Se converta em afetos de alegria.

COSTA, Cláudio Manuel da. Soneto LXII. In: \_\_\_\_\_. *A poesia dos inconfidentes: poesia completa de Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Alvarenga Peixoto*. Organização de Domicio Proença Filho. Artigos, ensaios e notas de Melânia Silva de Aguiar et al. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996. p. 78-79.

**oiteiros**: colinas, montes.

**gabões**: capa comprida com capuz.

**Almendro; Corino**: nomes de pastores árcades.

**desatino**: perda do juízo.

**choupana**: casebre.

**lisonjeiro**: que agrada.

Selecione a alternativa que **não** representa a relação em o significado do soneto de Cláudio Manuel da Costa e contexto de produção da literatura árcade brasileira.

- a) O eu lírico retorna ao campo, depois de um tempo vivendo no espaço da cidade.
- b) A referência às vestes rudes (*gabões*) presente na primeira estrofe mostra o distanciamento, vivido literariamente pelo eu lírico, da Metrópole representada pela imagem do traje rico e fino.
- x c) O poema problematiza a relação entre campo e cidade, algo que ocorria no Brasil do século XVIII, já que é nessa época que grande parte da população brasileira abandonava as zonas rurais para conseguir trabalho no espaço urbano.
- d) O poema se desenvolve com base na característica do bucolismo, que expressava um ideal da vida no campo, segundo a mentalidade do século em que o soneto foi escrito.
- e) Há uma oposição explícita no poema de Cláudio Manuel: de um lado, a existência no campo; de outro, a representação da vida nos centros urbanos. Essa oposição pode ser relacionada com o conflito existente no Brasil entre campo e cidade ao longo da história.

7. A poesia de Tomás Antônio Gonzaga é tida como a que melhor traduz os ideais do Arcadismo em terras brasileiras. Leia o poema abaixo e destaque três características que confirmem a expressão das convenções árcades pelo poeta.

Eu, Marília, não sou algum vaqueiro,  
Que viva de **guardar** alheio gado;  
De **tosco trato**, de expressões grosseiro,  
Dos frios gelos e dos sóis queimado.  
Tenho próprio **casal** e nele **assisto**;  
Dá-me vinho, legume, fruta, azeite;  
Das brancas ovelhinhas tiro o leite,  
E mais as finas lãs, de que me visto.  
Graças, Marília bela,  
Graças à minha **Estrela!**

GONZAGA, Tomás Antônio. Lira I. In: \_\_\_\_\_. *A poesia dos inconfidentes: poesia completa de Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Alvarenga Peixoto*. Organização de Domicio Proença Filho. Artigos, ensaios e notas de Melânia Silva de Aguiar et al. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996. p. 573.

Pessoal. Sugestões: Defesa da vida simples do campo; pastoralismo; bucolismo; linguagem simples.

**guardar**: proteger.

**tosco**: rústico, simples.

**trato**: espaço de terra.

**casal**: propriedade rústica e pequena.

**assisto**: moro, habito.

**Estrela**: sorte, destino.



# Poesia épica árcade: representação do indígena na literatura do século XVIII

O Arcadismo brasileiro desenvolveu uma produção épica de grande importância. Duas obras dessa produção destacam-se por abordar um tema que não aparecia de modo regular na literatura nacional desde os textos informativos, relacionados às viagens dos cronistas estrangeiros durante os anos iniciais do processo de colonização: o confronto entre colonizadores e indígenas.

- *O Uruguai* – de Basílio da Gama, em 1769;
- *Caramuru* – de Frei Santa Rita Durão, em 1781.

Porém, as visões sobre o enfrentamento entre esses dois grupos apresentam perspectivas bastante diferenciadas sobre a posição que os povos indígenas ocupam no imaginário literário do século XVIII.

## *O Uruguai*

Tem como pano de fundo os acontecimentos em torno da assinatura do Tratado de Madrid, celebrado entre os reis de Portugal e da Espanha, o qual definiu que as terras ocupadas pelos jesuítas, no Uruguai, deveriam passar da Espanha para Portugal. Por essa razão, os portugueses ficariam com Sete Povos das Missões e os espanhóis, com a Colônia do Sacramento. Sete Povos das Missões era habitada por indígenas e dirigida por jesuítas, que organizaram a resistência à aspiração dos portugueses de apossarem-se dessas terras.

O texto narra de modo poético a luta em torno da posse da terra, que teve início em 1757. Há uma consagração dos feitos de Gomes Freire de Andrade, general português que auxiliou o Marquês de Pombal em seu combate pela expulsão dos jesuítas das terras brasileiras.

Ao longo de *O Uruguai* pode-se notar a crítica ferrenha de Basílio da Gama aos interesses dos jesuítas nas terras da Colônia: ao “defender” o direito dos indígenas pela posse, os jesuítas tinham na verdade a intenção de tomar para si essas terras. O enredo se desenrola a partir dos eventos da guerra e de um caso de amor e morte no reduto missioneiro. Seus principais personagens são: o General Gomes Freire de Andrade, chefe do exército português; Catâneo, chefe das forças espanholas; Cacambo, líder indígena; Sepé, guerreiro indígena; Balda, padre jesuíta, administrador de Sete Povos das Missões; Caitutu, guerreiro indígena e irmão de Lindoia; Lindoia, esposa de Cacambo; Tanajura, indígena feiticeira.

No que diz respeito à representação do indígena propriamente dita, percebe-se no poema uma **simpatia pelo indígena. A narrativa dos fatos não o torna simplesmente um coadjuvante do conflito.** Ele se apresenta como um guerreiro que supera simultaneamente, em sua vontade e determinação, tanto o soldado português quanto o padre jesuíta desmoralizado. Essa visão do **indígena guerreiro** será amplamente trabalhada pela literatura do Romantismo brasileiro, período posterior ao Arcadismo.

Do ponto de vista formal, *O Uruguai* é inovador: escrito em versos brancos (sem rimas) e sem divisões em estrofes.

## *Caramuru*

O poema *Caramuru* tem como base histórica o descobrimento da Bahia pelo naufrago português Diogo Álvares Correia, seguido de seu enamoramento das indígenas Paraguaçu e Moema.

Um dos primeiros traços que caracterizam a obra é a vasta quantidade de referências, que abrangem fatos da história do Brasil e observações sobre o temperamento indígena, um conjunto de lendas da região, fantasias e referências

de outras narrativas, etc. Pode-se considerar o *Caramuru* como a **primeira obra literária a ter como tema central o habitante nativo do Brasil e seu modo de vida**, ainda que o indígena não apareça como o protagonista da história (papel desempenhado por Diogo Álvares Correia, um português).

O modo de escrita de Durão explora os acontecimentos ficcionais de maneira distinta de outras narrativas literárias comuns em sua época: a imaginação serve como uma estratégia para fazer com que o leitor possa compreender melhor os hábitos dos povos indígenas. Os personagens centrais são: Diogo Álvares Correia, que recebe o apelido de *Caramuru*; Paraguaçu, filha do cacique Taparica; Moema, indígena amante de Diogo; Gupeva e Sergipe, chefes indígenas.

A representação do indígena para Durão é bastante diversa da de Basílio da Gama: enquanto este procurou representar um conflito histórico claramente marcado pela oposição ideológica entre portugueses e jesuítas, Durão narra uma **aventura mais descompromissada** de um herói de certo modo desapegado das questões históricas ou sociais de seu tempo.

Do ponto de vista formal, o *Caramuru* apresenta alguns recursos de linguagem, como a utilização de referências mitológicas e do universo do maravilhoso pagão e cristão e uma estrutura de versos e estrofes rigorosamente nos moldes camonianos. **Sugestões de atividades: questões de 16 a 18 da seção Hora de estudo.**

## Poesia satírica árcade: crítica aos poderosos

As *Cartas chilenas* podem ser consideradas um dos mais importantes textos satíricos escritos em língua portuguesa. Trata-se de **um longo poema incompleto** que, de maneira indireta, critica os atos e a administração corrupta de Luís da Cunha Meneses, governador da Capitania de Minas Gerais, entre 1783 e 1788. Redigida sob anonimato, conservou-se inédita até 1845. Sua autoria foi motivo de grande especulação e estudo, até que se chegou ao consenso de ser seu autor o poeta Tomás Antônio Gonzaga.

São 13 cartas, escritas em decassílabos brancos. Circularam anonimamente em Vila Rica, entre 1787 e 1788. Possivelmente, algumas cópias impressas também passavam de mão em mão, atendendo ao grande interesse que esse tipo de publicação despertava na população.

A cada carta, Critilo (o sujeito que escreve) envia notícias sobre o comportamento do governador "chileno", chamado de Fanfarrão Minésio, para seu amigo Doroteu. A relação quase explícita entre Chile = Minas Gerais e Santiago = Vila Rica não deixava dúvidas sobre o fato de ser Minésio = Luís Meneses.

Talvez, meu Doroteu, talvez que entendas  
que o nosso Fanfarrão estima e **preza**  
os **rendeiros** que devem, **por sistema**,  
só para ver se os ricos desta terra,  
à força de favores animados,  
se esforçam a lançar nas **régias** rendas.  
Amigo Doroteu, o nosso chefe,  
se faz alguma coisa, é só movido  
da loucura ou do **sórdido** interesse.  
Eu vou, prezado amigo, eu vou mostrar-te  
esta santa verdade, com exemplos.

GONZAGA, Tomás Antônio. Carta oitava. In: \_\_\_\_\_. *A poesia dos inconfidentes: poesia completa de Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Alvarenga Peixoto*. Organização de Domício Proença Filho. Artigos, ensaios e notas de Melânia Silva de Aguiar et al. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996. p. 856-857.

**preza:** estima, tem consideração.  
**rendeiros:** pessoas que vivem de terras de arrendamento (terras cedidas sob contrato para outras pessoas explorarem mediante pagamento de uma porcentagem dos ganhos ou aluguéis).  
**por sistema:** por coerência.  
**régias:** grandiosas.  
**sórdido:** imundo, sujo.

As trapaças que ocorrem entre as classes mais abastadas de Vila Rica são expostas de maneira caricata e **jocosa**. No fragmento anterior, são mencionadas as negociatas do Fanfarrão, sempre ocupado em organizar **sistemas de enriquecimento e práticas de abusos de poder**.

A influência dos pensadores iluministas franceses pode ser vista nessas cartas. Possivelmente, Gonzaga tenha lido textos satíricos de escritores como Voltaire e Montesquieu, que também criavam situações fantasiosas para denunciar as mazelas da sociedade, a Corte corrupta e a realeza decaída.

## Atividades

12 Sugestões.

1. Leia os trechos selecionados das *Cartas chilenas* e responda ao que se pede.

### Trecho 1

#### Carta Nona

[...]

A desordem, amigo, não consiste em formar esquadrões, mas sim no excesso.

Um reino bem regido não se forma somente de soldados; tem de tudo: tem milícia, lavoura e tem comércio.

Se quantos forem ricos se adornarem das golas e das **bandas**, não teremos um só **depositário**, nem os órfãos terão também tutores, quando nisto interessa igualmente o bem do império.

Carece a Monarquia dez mil homens de tropa auxiliar? Não haja embora de menos um soldado, mas os outros vão à pátria servir nos mais empregos, pois os corpos civis são como os nossos, que, tendo um membro forte e outros **débeis**, se devem, Doroteu, julgar enfermos.

[...]

### Trecho 2

#### Carta Décima

[...]

Perguntarás agora que **torpezas** comete a nossa Chile, que mereça tão estranho **flagelo**? Não há homem que viva isento de delitos graves, e, aonde se amontoam os viventes em cidades ou vilas, aí crescem os crimes e as desordens, aos milhares. Talvez, prezado amigo, que nós, hoje, sintamos o castigo dos insultos que nossos pais fizeram: estes campos estão cobertos de insepultos ossos de inumeráveis homens que mataram. Aqui os europeus se divertiam em andarem à caça dos gentios, como à caça das feras, pelos matos.

GONZAGA, Tomás Antônio. *A poesia dos inconfidentes: poesia completa de Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Alvarenga Peixoto*. Organização de Domício Proença Filho. Artigos, ensaios e notas de Melânia Silva de Aguiar et al. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996. p. 865-866; 876.

- Sabendo que as *Cartas chilenas* tinham como tema principal a crítica à forma de a Metrópole governar a Colônia, qual a condenação feita por Critilo aos esquadrões militares?
- Uma das características da literatura árcade satírica é a elaboração de uma crítica ao modo como o poder corrompia a sociedade. Em sua opinião, qual o motivo para a monarquia conservar “dez mil homens” em sua “tropa auxiliar”?

**jocosa**: que provoca riso, satírica.

**bandas**: refere-se às golas altas com prolongamentos laterais que faziam parte da casaca, vestimenta de um soldado.

**depositário**: confiante, testemunha.

**débeis**: fracos.

**torpezas**: atitudes vergonhosas.

**flagelo**: tormento, calamidade.

- c) No trecho 2, Critilo demonstra revolta ao descrever o lugar em que se encontra (Chile). Qual sua intenção em apresentar esse lugar dessa forma?
- d) O poema apresenta problemas relacionados à vida nas cidades: "crimes e desordens" relacionados aos "videntes" que ali se "amontoam". Essa visão negativa do espaço da cidade remete a qual lugar-comum da poesia árcade?
2. Observe a reprodução de uma obra do artista Ernesto Frederico Scheffel.



SCHEFFEL, Ernesto Frederico. *Caramuru-Guaçu*. 1958. 1 óleo sobre tela, color., 368 cm x 196,5 cm. Fundação Ernesto Frederico Scheffel, Rio de Janeiro.

Essa pintura retrata uma cena do poema *Caramuru*, de Santa Rita Durão, em que Diogo Álvares Correia encontra indígenas no litoral da Bahia.

Como você descreveria a relação entre o europeu (colonizador) e os indígenas (colonizados) representada nessa pintura?

Pessoal. Espera-se que os alunos interpretem os significados decorrentes da postura corporal de Diogo Correia (sua posição ereta, empunhando uma arma de fogo, associada ao mando e à submissão dos indígenas) e do grupo de indígenas (alguns ajoelhados em posição de subserviência e adoração, enquanto outros se distanciam de Diogo em movimento de recuo).

## Organize as ideias

13 Orientações para elaboração da síntese proposta na atividade.

- Escreva um texto-síntese dos principais conceitos e conteúdos estudados nesta unidade. Seu texto deve conter aproximadamente nove parágrafos. Para ajudá-lo na composição, siga o roteiro indicado.

Conceitos	Conteúdos específicos	Número de linhas (aproximadamente)
Neoclassicismo e Arcadismo	<ul style="list-style-type: none"> <li>• surgimento</li> <li>• diferenças entre o Barroco</li> <li>• características gerais do estilo</li> </ul>	8 linhas / 1 parágrafo
Aspectos da sociedade europeia no período	<ul style="list-style-type: none"> <li>• questões políticas</li> <li>• despotismo esclarecido</li> <li>• perfil das classes sociais</li> </ul>	7 linhas / 1 parágrafo
Iluminismo	<ul style="list-style-type: none"> <li>• principais ideias</li> </ul>	6 linhas / 1 parágrafo
Arcadismo em Portugal	<ul style="list-style-type: none"> <li>• sociedade portuguesa</li> <li>• Marquês de Pombal</li> <li>• Bocage</li> </ul>	11 linhas / 2 parágrafos
Arcadismo no Brasil	<ul style="list-style-type: none"> <li>• período da mineração</li> <li>• Inconfidência Mineira</li> <li>• aspectos do arcadismo no Brasil</li> <li>• tipos de poesia árcade produzidos no Brasil</li> <li>• principais escritores</li> </ul>	16 linhas / 3 parágrafos
Síntese final	<ul style="list-style-type: none"> <li>• destaque os conteúdos que você considera relevantes para a compreensão do Arcadismo</li> </ul>	5 linhas / 1 parágrafo

Lembre-se de que seu texto não deve ser uma listagem de informações, ou seja, além de articular os conteúdos apontados, deve ser coeso e ter coerência.